



הסוכנות היהודית לארץ ישראל
Agência Judaica
www.agenciajudaica.com.br

MOVIMENTOS JUVENIS E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

1. O Enfoque Sócio-Histórico

Para compreender a realidade dos movimentos juvenis judaicos, devemos focar-nos na realidade histórica do seu surgimento. É possível que, enxergando esses processos, possamos acrescentar elementos para compreender a atualidade e o futuro desses movimentos, e da metodologia da educação não formal praticada por eles.

Os movimentos juvenis judaicos modernos e a educação não-formal são partes do processo histórico de revisão e crítica dos postulados do *Iluminismo* moderno e ao mesmo tempo são parte indissolúvel do *projeto iluminista*. São partes desse projeto por que acreditam na capacidade da educação de mudar o mundo e de mudar o destino *natural, pré-fixado* das pessoas e porque entre os seus paradigmas, persistem uma profunda confiança na igualdade básica dos homens, uma visão positiva do futuro associado à idéia de progresso, e uma desconfiança apriori das autoridades tradicionais.

Mas trata-se de um projeto iluminista permeado pela crítica de J.J.Rousseau (século XVIII), que vê no processo educativo e de socialização formal da criança, uma ferramenta para o controle e a limitação da liberdade, e para a criação de *falsas necessidades* que são integradas a personalidade, criando uma auto-imagem distorcida, e alienando ao homem (como teorizaram Hegel e Marx) da sua verdadeira realidade e do seu papel no processo histórico.

Essa crítica aos postulados iluministas da educação, cujos ecos chegam até Erich Fromm e Paulo Freyre, está na base da cristalização dos movimentos juvenis (principalmente na Rússia e na Alemanha) nos finais do Século XIX e início do século XX. Aqueles movimentos postulavam uma visão alternativa a socialização do jovem, caracterizada por um ideal romântico de vida em grupo e a rejeição do individualismo burguês. Em alguns casos, como no movimento juvenil alemão *Wandervogel*, esse ideal catalisava-se num retorno a natureza e ao esforço físico, com vistas a criação de um *Homem Novo* que unificasse na sua personalidade, corpo e espírito, numa entrega total ao ideal desenvolvido pelo grupo.

Na sociedade judaica, os movimentos juvenis desenvolveram uma crítica que se alimentava não só da rejeição ao sistema formal de formação da criança e do adolescente, e sim, principalmente, da identificação entre este sistema e o *projeto diaspórico*.

A *falsa consciência* contra a qual se revoltavam os movimentos juvenis judaicos, era a confiança dos seus maiores em que seria possível



הסוכנות היהודית לארץ ישראל
Agência Judaica
www.agenciajudaica.com.br

persistir e se integrar nas sociedades gentis, para serem alemães, franceses ou polacos *de fé mosaica*.

Os movimentos juvenis judaicos enfatizavam o caráter nacional do judaísmo, contra as ênfases religiosas ou culturais da geração dos seus pais. Eram, portanto, movimentos fortemente políticos, que quando enxergavam a visão de um *homem novo*, não estavam referindo-se somente ao um processo de transformação grupal da personalidade, e sim principalmente a uma transformação radical que passava pela mudança das estruturas básicas da sociedade judaica, do individualismo burguês diaspórico ao coletivismo sionista em Eretz Israel. É importante destacar que esta ideologia coletivista não é característica só de grupos *de esquerda*, porém está presente também nos ideólogos *liberais* ou *de direita* como Zeev Jabotinsky, e era compartilhada pelo movimento ligado ao Sionismo Religioso.

Essa ênfase nacional e coletiva não podia omitir uma profunda análise crítica da tradição judaica, entendida aqui como uma tradição nacional. Os movimentos juvenis interpretaram essa tradição num sentido humanista e heterodoxo, acentuando os conteúdos morais das fontes judaicas, mas exigindo um imperativo de coerência prática, traduzindo na vida cotidiana do movimento conceitos tradicionais como *Tzedaká*, ou recriando os conteúdos religioso-nacionais de festividades como *Pessach*, *Chanuka* ou *Lag Ba Omer*, resgatando do passado e modernizando as mensagens de figuras como os *Macabeus* ou *Rabi Akiva*.

Os movimentos juvenis representaram historicamente uma *minoria* nas comunidades judaicas, mas uma minoria prestigiada pela sua participação na construção do Estado de Israel (tanto na colonização e construção de novas populações, como na defesa, em especial a partir da *Terceira Aliah*, 1919-1923); pelo seu papel na resistência ativa da *Shoá*; e por ser um fator de efervescência permanente nas comunidades judaicas com sua visão crítica da realidade comunitária e sua exigência de coerência.

O imperativo da Aliah a Israel, característico de boa parte dos movimentos, era o resultado de uma visão crítica da sociedade e da realidade comunitária, e a expressão de um sonho de construção de uma sociedade diferente, baseada em princípios sociais e humanistas mais justos, em Eretz Israel.

Não é, então, casual, que muitas das grandes personalidades políticas e do pensamento social na América Latina, na Europa e em Israel, reivindicam até hoje a origem da sua militância na educação recebida no movimento juvenil.

Na América Latina, os movimentos juvenis judaico-sionistas estiveram entre os escassos espaços de educação política e de liberdade



de expressão, durante a sangrenta época das ditaduras militares e da repressão organizada.

2. O Enfoque Metodológico

Quais são, então, as características que permitiram ao movimento juvenil judaico-sionista atuar como um profundo fator de efervescência e mudança na sociedade judaica?

O pesquisador Reuven Kahane reconhece algumas dimensões da educação não-formal que representariam a base da experiência educativa dos movimentos:

1. **Incorporação livre e voluntária:** ninguém é obrigado a participar das atividades de um movimento. Os valores e a disciplina interna podem até ser mais rígidos do que na educação formal (já foram, na época em que o movimento clássico participava ativamente da colonização e defesa do Estado de Israel), mas estão baseados no consenso interno e na voluntariedade de pertinência.
2. **Moratória:** sociólogos definem a moratória como um processo de adiamento das responsabilidades adultas, o que permite ao adolescente assumir compromissos que, segundo a sociedade geral, estão além das suas capacidades. A moratória é o espaço para errar e recomeçar, sendo que no movimento as atividades são controladas por pessoas da mesma idade e na mesma situação.
3. **Estrutura dupla:** os movimentos juvenis são expressão da situação particular de transição do adolescente entre o espaço familiar e a sociedade adulta. Por tanto, o movimento se caracteriza pela convivência de dois (ou mais) tipos de normas. O movimento é vivenciado pelos chaverim também como um espaço relacional (grupo de amigos) e também como um espaço de expressão e discussão de valores e aceitação de compromissos ideológicos, normas de conduta e códigos de responsabilidade. A convivência dessas duas percepções permite um alto grau de flexibilidade na relação do jovem com o movimento, e contribui no seu dinamismo interno.
4. **Atividades multidimensionais:** a criança e o adolescente podem, no movimento juvenil, testar as suas capacidades em diversas dimensões: intelectual, esportiva, artística, social, criativa, compromisso com valores, amizade, valentia, etc., sem que exista uma real hierarquia de dimensões, diferente da educação formal onde todas as dimensões estão presentes, mas a dimensão intelectual-individual prevalece.
5. **Simetria:** como toda organização, existe nos movimentos juvenis uma hierarquia entre os membros, mas essa hierarquia é relativa e freqüentemente contestada. Tanto do ponto de vista legal como de



aceitação das regras internas, todos os membros são *chaverim* com os mesmos compromissos e direitos. O próprio caráter voluntário do movimento cria uma simetria entre os membros e uma real possibilidade de cada um deles de influir e mudar os processos internos do grupo.

6. **Expressividade ativa e atratividade:** diferentemente de um espaço de recreação, onde os participantes *consomem* atividades preparadas para eles, no movimento juvenil cada *chaver* participa de uma ou outra forma na criação do conteúdo do que se faz. Essa expressividade de cada um contribui na atratividade do movimento, já que este é percebido como um espaço de expressão em contato aberto com outros pares.
7. **Desenvolvimento do compromisso com valores:** a simetria e a expressividade do movimento juvenil são a base da sua capacidade para desenvolver uma consciência ética e um compromisso com valores. A idéia de uma moralidade universal é mais facilmente incorporável numa realidade simétrica, onde as normas são validas para todos os participantes, onde os conceitos de reciprocidade e justiça tem uma aplicação concreta e cotidiana. A exigência de cooperação no movimento desenvolve na criança uma visão mais universal e menos egocêntrica, um melhor conhecimento dos limites e as diferenças de personalidade e uma consciência mais clara da própria autonomia e da autonomia dos outros, todos estes elementos indispensáveis para a formação de uma ética pessoal.

Essas dimensões caracterizam também um alto grau da *autonomia* do movimento juvenil. Essa autonomia é, na opinião de Kahane, o principal motivo de tensão nos movimentos, já que tanto ao nível da sociedade adulta, como dos próprios *bogrim* (egressos) do movimento existe uma tendência constante de limitar essa autonomia, tanto para manter um modelo de movimento nos seus moldes conhecidos como para usar a energia e vitalidade do movimento com objetivos organizacionais que tem mais a ver com a realidade e os objetivos do mundo adulto. Se é possível falar em crise do modelo do movimento juvenil, essa crise é provocada principalmente pelas tentativas de limitar a autonomia dos movimentos e a fixação de parâmetros de ação por fatores externos ao próprio movimento.

3. Os dilemas do Movimento Juvenil Judaico no século XXI

Com freqüência ouvimos falar da *crise do modelo* dos movimentos juvenis. De uma re-leitura rápida dos fatores Sócio-Histórico e das dimensões Metodológicas antes expostas, uma conclusão possível sobre essa crise é que ela se produz quando os próprios ativistas do movimento deixam de ser cientes da sua própria força histórica e do



הסוכנות היהודית לארץ ישראל
Agência Judaica
www.agenciajudaica.com.br

papel educativo que o movimento tem como transformador da realidade dos seus membros.

Fatores como simetria, autonomia, compromisso com valores, compromisso ideológico e coerência, caracterizaram essa educação *tnuatí*.

Será que esses fatores mantêm a sua vigência quase um século depois da cristalização dos primeiros movimentos juvenis?

Será que eles têm a vitalidade e a energia criativa para apresentar uma alternativa ao mundo globalizado?

A um mundo que minimiza o papel dos compromissos ideológicos e onde os conceitos de *identidade, cultura e nação* são permanentemente fragmentados?

A um mundo onde o individualismo deixou de ser objeto de escárnio e conflito entre as gerações, e passou a ser o ideal social compartilhado por pais e filhos, que convivem num universo mediático cruzado por auto-estradas da informação que apagam todas as fronteiras. A um mundo aonde não existe um real conflito entre gerações, e aonde o problema não é a participação do jovem na criação do conteúdo, porem a indiferença generalizada ao conteúdo.

O movimento juvenil judaico sionista é filho da Modernidade e dos seus paradigmas. Talvez o principal desses paradigmas seja a importância de um espírito crítico. Talvez, hoje em dia, seja essa a função principal do movimento juvenil, continuar a desenvolver espíritos críticos num mundo que forma e educa para o consumo e o conformismo.

O lugar dos movimentos juvenis na epopéia judaica do século XX está assegurado. Ainda está por definir o seu lugar na epopéia judaica do século XXI.

Yoel Schwartz

O autor é formado em História Judaica, Sociologia e Antropologia pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Atualmente, é sheliach na Congregação Israelita Paulista (Chazit Hanoar/Avanhandava).